

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER
STM EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

**CORNELIUS VAN TIL E SUAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A
TEOLOGIA SISTEMÁTICA E FILOSÓFICA**

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2017

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER
STM EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA**

**CORNELIUS VAN TIL E SUAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A
TEOLOGIA SISTEMÁTICA E FILOSÓFICA**

Trabalho apresentado ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como requisito parcial para aprovação na disciplina Introdução à Teologia Reformada, ministrada pelo Prof. Rev. Dr. Heber Carlos de Campos Júnior.

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2017

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	BREVE BIOGRAFIA	3
3	PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEOLOGIA SISTEMÁTICA	4
3.1	TRINDADE	4
3.2	GRAÇA COMUM.....	6
4	PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEOLOGIA FILOSÓFICA	8
4.1	EPISTEMOLOGIA	8
4.2	APOLOGÉTICA	9
5	CONCLUSÃO.....	10
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	11

1 INTRODUÇÃO

Segundo John Frame, Cornelius Van Til talvez seja o mais importante pensador cristão desde João Calvino, ainda que não tenha sido o mais abrangente, claro e influente, nem esteja isento de críticas.¹ O fato é que Van Til trouxe importantes contribuições tanto para a teologia sistemática quanto para a filosófica, além de ter influenciado importantes pensadores cristãos dos séculos XX e XXI, mesmo que não numerosos, como os teonomistas Rousas J. Rushdoony, Greg L. Bahnsen e Gary North, o apologeta mundialmente conhecido Francis Schaeffer e alguns influentes teólogos da atualidade, como John Frame e William Edgar. Por essa razão, um exame de suas principais contribuições pode ser muito útil para uma melhor compreensão dos desenvolvimentos pelos quais a teologia reformada tem passado nos últimos anos.

2 BREVE BIOGRAFIA²

Cornelius Van Til nasceu em 3 de maio de 1895, na cidade de Grootegast, Países Baixos, mas com dez anos se mudou com seus pais para os Estados Unidos. Ele e sua família eram da Christian Reformed Church. A partir de 1914, Van Til estudou na Calvin Preparatory School, no Calvin College e no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids. Porém, depois do primeiro ano do seminário, Van Til se mudou para o Princeton Theological Seminary, onde concluiu o seu curso. Posteriormente obteve um ThM no Princeton Seminary, em 1925, e um PhD na Princeton University, em 1927. Casou-se com Rena Klooster em 1925.

De 1927 a 1928, ele pastoreou uma igreja da Christian Reformed Church em Spring Lake, Michigan. De 1928 a 1929 deu uma pausa no pastorado para ensinar apologética no Princeton Seminary. Porém, ao ser convidado para assumir a cadeira de apologética nesse seminário em 1929, rejeitou a proposta por desejar voltar ao pastorado em Spring Lake e porque o seminário estava deixando a ortodoxia pelo liberalismo teológico. Aceitou, no entanto, ensinar apologética no Westminster Theological Seminary, fundado em 1929 por J. Gresham Machen e outros ex-professores do Princeton. Também se filiou à Orthodox Presbyterian Church, a nova denominação fundada em 1936 por Machen e outros ministros

¹ Cf. FRAME, John. Cornelius Van Til. In: ELWELL, Walter A. (Ed.). *Handbook of Evangelical Theologians*. Grand Rapids: Baker, 1993. p. 156-67.

² Esta seção está baseada em FRAME, Cornelius Van Til.

que saíram da Presbyterian Church in the U.S.A por causa do liberalismo teológico. Van Til permaneceu como professor do Westminster até sua aposentadoria, em 1972, e como pastor da Orthodox Presbyterian Church até sua morte, em 1987.

Em sua teologia, Van Til foi influenciado por teólogos reformados holandeses, como Abraham Kuyper e Herman Bavinck, e teólogos de Princeton antigos e modernos, como Charles Hodge, B.B. Warfield e Geerhardus Vos. Suas influências filosóficas são mais difíceis de determinar, mas ele pode ter sido influenciado por W. Harry Jellema, seu professor de filosofia no Calvin, e por Archibald A. Bowman, seu orientador na Princeton University, ambos idealistas. Porém, provavelmente sua maior influência filosófica tenha sido uma escola de pensamento fundada nos Países Baixos, na década de 1920, por alguns discípulos de Kuyper, como Herman Dooyeweerd e D. H. Th. Vollenhoven, conhecida como “filosofia da ideia cosmonômica”, ainda que Van Til tenha se tornando um crítico dela posteriormente.

Algumas de suas principais obras são *Common Grace and the Gospel* (1964), *The Defense of the Faith* (1967), *A Christian Theory of Knowledge* (1969) e *An Introduction to Systematic Theology* (1974), sendo esta última inicialmente uma apostila para uso em sala de aula.

3 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEOLOGIA SISTEMÁTICA

As principais contribuições de Van Til para a teologia sistemática estão relacionadas especificamente a duas doutrinas: a doutrina da Trindade e da graça comum.

3.1 TRINDADE

Van Til reformula a doutrina da Trindade, afirmando que Deus é uma pessoa e três pessoas, no lugar da fórmula tradicional “uma essência, três pessoas”. Ele escreve: “Nós falamos de Deus como uma pessoa; mas nós também falamos de três pessoas na Deidade [...] As pessoas da Deidade são mutuamente exaustivas uma da outra e, portanto, da essência da Deidade. Deus é um ser monoconsciente e, ainda assim, ele também é um ser triconsciente”.³

Ao fazer essa reformulação, a princípio estranha, Van Til não deseja abandonar a fórmula clássica, pois ele concorda com as formulações tradicionais da doutrina da Trindade. Na verdade, ele está apenas tornando explícito um pensamento que estava implícito nos

³ VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007, p. 348. Minha tradução. Cf. VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 363, 364.

teólogos de Princeton e de Amsterdã, ao combaterem o deus impessoal do liberalismo.⁴ Van Til acredita que cada época apresenta seus próprios desafios, e que a Igreja deve responder a esses desafios reafirmando as doutrinas clássicas, inclusive a Trindade, em uma linguagem que torne clara sua aplicação para cada época.⁵

Essa reformulação específica que Van Til faz da doutrina da Trindade tem como objetivo combater a tendência moderna de buscar a realidade última no impessoal, como acontece no materialismo e no naturalismo. Ao afirmar que Deus é uma pessoa e três pessoas, Van Til deseja mostrar que a unidade e a diversidade que encontramos no mundo tem seu fundamento não em um princípio impessoal, mas em um Deus que é personalidade absoluta. Isso a fórmula “uma essência, três pessoas” não poderia fazer, pois poderia dar a entender, ainda que não fosse a intenção, que existe uma substância impessoal subjacente às três pessoas.⁶ Porém, como ele explica, “Deus não é uma essência que tem personalidade; ele é personalidade absoluta”.⁷

Essa afirmação de que Deus é uma pessoa e três pessoas tem sido criticada por alguns teólogos. Robert Letham, por exemplo, observa que a fórmula “uma pessoa, três pessoas” é problemática, tanto se o termo “pessoa” for usado no mesmo sentido em ambos os casos quanto em sentidos diferentes. Como as três pessoas da Trindade são relacionais, se Deus fosse uma pessoa no mesmo sentido em que é três, ele seria uma pessoa em relação a alguém, o que é herético, tanto se Deus estivesse em relação com as três pessoas, o que faria da Trindade uma quaternidade, quanto se ele estivesse em relação com outro ser, o que seria politeísmo. Por outro lado, se “pessoa” tem sentidos diferentes ao descrever a unidade e a diversidade, então é necessário utilizar termos diferentes.⁸ Quanto à primeira objeção, é importante observar que ao usar o termo “pessoa”, Van Til está pensando mais em termos de autoconsciência do que de relacionamento.⁹ Quanto à segunda objeção, ela tem alguma força, exatamente porque Van Til certamente não usa o termo “pessoa” no mesmo sentido nas duas partes da fórmula: “Somos autorizados e compelidos pela Escritura a fazer a distinção, dentro do ser da pessoa única, entre um tipo de ser específico ou genérico e três subsistências

⁴ Cf. HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 347; BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol.2, p. 311-312.

⁵ Cf. SMITH, Ralph Allan. *Van Til's insights on the Trinity*, p. 3.

⁶ Cf. SMITH, *Van Til's insights on the Trinity*, p. 3.

⁷ VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 364. Minha tradução.

⁸ Cf. LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2004, p. 181.

⁹ Como citado acima, Van Til explica sua fórmula afirmando que “Deus é um ser monoconsciente e, ainda assim, ele também é um ser triconsciente” (VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 348. Minha tradução). William Edgar, em uma nota de rodapé sobre essa afirmação, relaciona-a com a doutrina da pericorese, segundo a qual as três pessoas divinas habitam mutuamente umas nas outras.

peçoais”.¹⁰ E, de fato, se os sentidos não são exatamente os mesmos, termos diferentes seriam mais apropriados.

Ainda assim, mesmo que não se concorde com a fórmula cunhada por Van Til, não se pode negar a importância do que ele deseja afirmar com ela: a absoluta personalidade de Deus contra a tendência de localizar a realidade última em algo impessoal. Também se deve louvar a sua defesa, implícita na fórmula, de que tanto a unidade quanto a pluralidade são igualmente fundamentais em Deus,¹¹ e a aplicação disso ao antigo problema filosófico do um e do muitos.¹² Esse último ponto em particular funciona como o pressuposto fundamental do método apoloético de Van Til, como é visto no próximo capítulo.

3.2 GRAÇA COMUM

Para se entender a contribuição de Van Til para a doutrina da graça comum, é importante conhecer as três posições básicas sobre o assunto. A primeira posição é a tradicional, representada por Abraham Kuyper, Herman Bavinck e Valentine Hepp. Segundo essa posição, em termos gerais, a revelação natural é o domínio onde a graça comum atua sobre o descrente, através da razão humana e da experiência, enquanto a revelação especial é o domínio para a iluminação dos crentes, através da fé. Desse modo, a graça comum permite que no domínio da revelação natural o descrente tenha um conhecimento igual ao do crente, sendo esse um ponto de contato entre ambos.¹³

A segunda posição é a que nega a graça comum, cujos representantes são Herman Hoeksema e Henry Danhof. Essa posição afirma que o termo “graça” pode ser usado apenas para o trabalho redentivo de Deus no pecador, e nega tanto a possibilidade de uma atitude de favor de Deus para com o réprobo quanto a habilidade do réprobo de fazer qualquer tipo de bem. Apesar disso, as tradicionais provas da existência de Deus, fundamentadas na razão, são vistas como válidas, e a lógica seria algo comum para o crente e o descrente. A única coisa que impede um descrente de aceitar essas provas da existência de Deus é sua depravação.¹⁴

A terceira posição, chamada de reconstrucionista por William D. Dennison, é representada por Klaas Schilder, Herman Dooyeweerd e D. H. Th. Vollenhoven. Para essa

¹⁰ VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 364. Minha tradução.

¹¹ “Unidade e pluralidade são igualmente últimas na Deidade” (VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 348. Minha tradução).

¹² Cf. VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 364, 365.

¹³ Cf. DENNISON, William D. Van Til and common grace. *Mid-America Journal of Theology*, Dyer, IN, v. 9, n. 2, p. 225-247, set. 1993, p. 247.

¹⁴ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 234, 235.

posição, o Deus da Bíblia é a pressuposição necessária para uma análise correta até mesmo das leis da criação. Há uma ênfase no coração como o centro da atividade humana e no fato de que a devoção do coração a favor ou contra Cristo tem efeitos sobre uma verdadeira interpretação científica do mundo.¹⁵

Ainda que a terceira posição seja aquela com a qual Van Til esteja mais alinhado, ele apresenta algumas reformulações importantes. Sobre o ponto de contato entre o crente e o descrente, Van Til faz duas afirmações.¹⁶ Primeira, ao contrário de alguns que dizem que a diferença entre o crente e o descrente está apenas na explanação dos fatos, e não na descrição dos fatos, Van Til afirma: “O crente e o não-crente diferem desde o princípio de toda investigação autoconsciente [...] Descrição é, ela própria, explanação. A atual descrição científica não é meramente explanação, mas é definitivamente explanação anticristã”.¹⁷ A segunda afirmação de Van Til é que o crente e o descrente têm tudo em comum metafisicamente, mas nada em comum epistemologicamente. Ele explica:

Concluimos, então, que quando ambas as partes, o crente e o não-crente, estão epistemologicamente autoconscientes e, como tais, engajados no ambiente interpretativo, não se pode dizer que eles têm qualquer fato em comum. Por outro lado, deve ser asseverado que eles têm todos os fatos em comum. Ambos lidam com o mesmo Deus e com o mesmo universo criado por Deus. Ambos são feitos à imagem de Deus. Em resumo, eles têm a situação metafísica em comum. Metafisicamente, ambos têm todas as coisas em comum, enquanto epistemologicamente eles não têm nada em comum.¹⁸

A principal contribuição de Van Til para a doutrina da graça comum, porém, está no fato de que ele a explica à luz da filosofia da história.¹⁹ Ele define o problema central da graça comum como sendo um problema escatológico: “O que entidades que um dia serão totalmente diferentes uma da outra têm em comum antes que esse estágio final de separação seja alcançado?”.²⁰ Em outras palavras, o que eleitos e réprobos, que no final da história serão separados, têm em comum no presente? Van Til soluciona esse problema com a história revelacional. A graça comum está alicerçada no período pré-redentivo, quando todos os seres humanos, eleitos e réprobos, estavam representativamente unidos a Adão, tinham o favor de Deus da mesma forma e possuíam um entendimento e uma interpretação unificada da revelação de Deus e de sua criação. Deus continua demonstrando seu favor para com todos

¹⁵ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 235.

¹⁶ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 236.

¹⁷ VAN TIL, Cornelius. *Common grace and the gospel*. Phillipsburg: P&R Publishing, 1972, p. 3. Minha tradução.

¹⁸ VAN TIL, *Common grace and the gospel*, p. 5. Minha tradução.

¹⁹ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 239.

²⁰ VAN TIL, *Common grace and the gospel*, p. 68. Minha tradução.

indistintamente porque todos continuam unidos a Adão em seu estado original, e isso é a graça comum.²¹ Do mesmo modo, todos os seres humanos, eleitos e réprobos, estavam representativamente unidos a Adão quando ele caiu, todos se tornaram pecadores e todos passaram a estar debaixo da ira de Deus. Desde então, toda manipulação e interpretação dos fatos da revelação é uma rebelião contra Deus. Isso é a depravação total.²² Desse modo, há um conflito na história entre esses dois estados, da graça comum e da depravação total, dos quais todos os seres humanos participam. Porém, através da redenção, a diferença entre eleitos e réprobos se torna cada vez mais evidente, existindo no descrente um “bem relativo” e um “mal absoluto” e no crente um “mal relativo” e um “bem absoluto”.²³

Para Van Til, portanto, o que o crente e o descrente têm em comum metafisicamente e psicologicamente está relacionado com a graça comum, com essa união a Adão em seu estado pré-redentivo, enquanto a diferença epistemológica e ética entre ambos se deve à depravação total e à redenção, e essa diferença está relacionada à interpretação de toda a revelação, natural e especial.²⁴ Tudo isso traz implicações para a epistemologia de Van Til, como é discutido no próximo capítulo.

4 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEOLOGIA FILOSÓFICA

As principais contribuições de Van Til para a teologia filosófica envolvem duas áreas principais: a epistemologia (teoria do conhecimento) e a apologética (defesa da fé).

4.1 EPISTEMOLOGIA

A grande contribuição de Van Til para a epistemologia está em sua afirmação de que o ser humano deve pensar os pensamentos de Deus à maneira de Deus analogicamente.²⁵ Existe uma diferença de tipo entre o conhecimento de Deus e o conhecimento das criaturas, mas o conhecimento das criaturas pode corresponder analogicamente ao conhecimento de Deus e ser um conhecimento verdadeiro. O verdadeiro conhecimento é alcançado quando o ser humano se submete à revelação que Deus faz do seu conhecimento necessário (o conhecimento de Deus a respeito de si mesmo) e do seu conhecimento livre (o conhecimento de Deus a respeito

²¹ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 240-242.

²² Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 242.

²³ Cf. VAN TIL, *Common grace and the gospel*, p. 92.

²⁴ Cf. DENNISON, Van Til and common grace, p. 246, 247.

²⁵ Cf. VAN TIL, *Common grace and the gospel*, p. 37.

da criação), revelação essa presente na natureza e na Escritura.²⁶ Portanto, não há conhecimento verdadeiro a respeito de nada quando Deus não é o pressuposto de tudo.

Porém, como explicado na seção sobre a graça comum, o pecado afetou todas as faculdades humanas, inclusive a mente, de modo que aqueles que ainda estão no estado de pecado não podem pensar corretamente, nem ter um verdadeiro conhecimento de Deus ou da criação. O descrente tem um falso conhecimento sobre tudo por causa dos efeitos noéticos do pecado. Apenas aqueles que foram alcançados pela redenção de Cristo e unidos a ele podem alcançar um verdadeiro conhecimento.²⁷

Van Til, no entanto, vai além ao afirmar que, como a revelação natural e a especial estão interconectadas, um homem só pode ter verdadeiro conhecimento quando ele une em seu pensamento essas duas formas de revelação. E isso acontece ao se interpretar os fatos da natureza à luz da revelação especial do propósito pactual e escatológico de Deus em Cristo para o mundo. Desse modo, a Escritura é necessária para um verdadeiro conhecimento sobre o mundo.²⁸ Isso conduz naturalmente às contribuições de Van Til para a apologética.

4.2 APOLOGÉTICA

A maior e mais revolucionária contribuição de Van Til é, certamente, sua apologética. O método apologético de Van Til pode ser chamado de “argumento transcendental”²⁹ ou “argumento por pressuposição”.³⁰ Segundo Van Til, “Argumentar por pressuposição é indicar quais são os princípios epistemológicos e metafísicos que sustentam e controlam o método de alguém”.³¹

A pressuposição da apologética reformada é o Deus autocontido ou, em outras palavras, a Trindade ontológica, e esse pressuposto deve ser francamente admitido pelo apologeta reformado.³² Apenas o pressuposto cristão de que Deus é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, pode explicar a unidade e a multiplicidade encontrada na criação³³ e até mesmo a possibilidade de afirmações proposicionais: “O cristão sustenta que somente sobre a base do

²⁶ Cf. BAIRD, James Douglas. Analogical knowledge: a systematic interpretation of Cornelius Van Til's theological epistemology. *Mid-America Journal of Theology*, Dyer, IN, v. 26, p. 77-103, 2015, p. 97.

²⁷ Cf. BAIRD, Analogical knowledge, p. 94, 95.

²⁸ Cf. BAIRD, Analogical knowledge, p. 98-100.

²⁹ Este é o nome antigo do método, que aparece nos primeiros escritos de Van Til. Cf. OLIPHINT, K. Scott. The consistency of Van Til's methodology. *The Westminster Theological Journal*, Phillipsburg, v. 52, n. 1, p. 27-49, 1990, p. 28.

³⁰ Cf. VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. 4.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2008, p. 121.

³¹ VAN TIL, *The defense of the faith*, p. 121, 122. Minha tradução.

³² Cf. VAN TIL, *The defense of the faith*, p. 122.

³³ Cf. VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 365.

Deus da Bíblia (que nós certamente não podemos compreender em seu ser, mas que nos falou que, nele, unidade e diversidade são igualmente últimas) há alguma possibilidade de predicação”.³⁴

O objetivo desse método apologético não é provar o teísmo cristão, mas mostrar que não se pode encontrar significado na experiência humana se o teísmo cristão não for verdadeiro. Em outras palavras, ao invés de tentar provar o Deus Triuno, procura-se mostrar por que o Deus Triuno deve ser pressuposto antes de qualquer prova.³⁵

Na prática, o método envolve dois momentos principais. Primeiro, o apologeta deve se colocar na posição do seu adversário, assumindo temporariamente que o método dele é correto, apenas para mostrar que os pressupostos assumidos por ele são inconsistentes e contraditórios em relação aos fatos e leis afirmados. Segundo, o apologeta deve levar o não-cristão a se colocar na posição cristã temporariamente, para que ele perceba que os fatos e leis afirmados por ele só fazem sentido com os pressupostos cristãos.³⁶

Desse modo, na apologética de Van Til, não se apela a fatos ou leis como provas do cristianismo, porque esses fatos não são interpretados da mesma forma por crentes e descrentes.³⁷ Esse método apologético é uma consequência natural da doutrina da graça comum e da epistemologia de Van Til. Se o crente e o descrente não têm nada em comum epistemologicamente, mas apenas metafisicamente, e se o verdadeiro conhecimento só pode ser obtido quando Deus é o pressuposto de tudo, segue-se que não é possível apelar, na apologética, para fatos ou leis com os quais crentes e descrentes estejam de acordo.

5 CONCLUSÃO

Certamente, se Cornelius Van Til não é o mais importante pensador cristão desde João Calvino, como afirma John Frame, ele não fica longe dessa posição. Mesmo que não se concorde com todas as suas formulações, não se pode negar a robustez do seu pensamento. Suas contribuições para a teologia sistemática, nas doutrinas da Trindade e da graça comum, e suas contribuições para a teologia filosófica, nas áreas da epistemologia e da apologética, são dignas de atenção por todos aqueles que desejam conhecer os rumos que a teologia reformada tem tomado na atualidade.

³⁴ VAN TIL, *An introduction to systematic theology*, p. 366. Minha tradução.

³⁵ Cf. OLIPHINT, *The consistency of Van Til's methodology*, p. 27, 28.

³⁶ Cf. VAN TIL, *The defense of the faith*, p. 122, 123; OLIPHINT, *The consistency of Van Til's methodology*, p. 39, 42.

³⁷ Cf. VAN TIL, *The defense of the faith*, p. 122.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRD, James Douglas. Analogical knowledge: a systematic interpretation of Cornelius Van Til's theological epistemology. *Mid-America Journal of Theology*, Dyer, IN, v. 26, p. 77-103, 2015. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAn3850362&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 19-abr-2017.

BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol.2.

DENNISON, William D. Van Til and common grace. *Mid-America Journal of Theology*, Dyer, IN, v. 9, n. 2, p. 225-247, set. 1993. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLA0001756318&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 19-abr-2017.

FRAME, John. Cornelius Van Til. In: ELWELL, Walter A. (Ed.). *Handbook of Evangelical Theologians*. Grand Rapids: Baker, 1993. p. 156-67. Disponível em: <<http://frame-poythress.org/cornelius-van-til>>. Acesso em: 08-mai-2017.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.

LETHAM, Robert. *The Holy Trinity: in Scripture, history, theology and worship*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2004.

OLIPHINT, K. Scott. The consistency of Van Til's methodology. *The Westminster Theological Journal*, Phillipsburg, v. 52, n. 1, p. 27-49, 1990. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLA0000827414&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 19-abr-2017.

SMITH, Ralph Allan. *Van Til's insights on the Trinity*. Disponível em: <https://rdtwot.files.wordpress.com/2010/07/smith_van-tils-insights-on-the-trinity.pdf>. Acesso em: 10-mai-2017.

VAN TIL, Cornelius. *An introduction to systematic theology: prolegomena and the doctrines of revelation, Scripture, and God*. 2.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2007.

VAN TIL, Cornelius. *Common grace and the gospel*. Phillipsburg: P&R Publishing, 1972.

VAN TIL, Cornelius. *The defense of the faith*. 4.ed. Phillipsburg: P&R Publishing, 2008.